

AÇÃO EDUCATIVA EM PROJETOS CULTURAIS LIGADOS A EXPOSIÇÕES: ESTUDO SOBRE A EXPOSIÇÃO LIXOMANIA

Léia Silvia Quio Li¹
José Ronaldo Alonso Mathias²

RESUMO

Em 2023, o Estado de São Paulo aprovou por volta de 870 projetos inscritos no Programa de Ação Cultural (ProAC). Os projetos culturais contemplam várias manifestações artísticas e culturais como música, dança e exposição. Muitas vezes, esses projetos são executados em locais de educação não formal, como em museus, porém nem todos contemplam a potência que esses projetos possuem em contribuir diretamente com a educação. Os projetos culturais são estruturados com áreas de curadoria, artistas, produtores e a parte educativa deveria ser contemplada com a mesma importância que tais. A pesquisa aqui apresentada identifica conceitos e possibilidades que contribuem para o desenvolvimento de ações educativas em projetos culturais, em especial exposições que não ocorrem em museus.

Palavras-chave: Mediação; Educação não formal; Exposições; Projetos Culturais.

ABSTRACT

In 2023, the State of São Paulo approved around 870 projects registered in the Cultural Action Program (ProAC). Cultural projects include various artistic and cultural manifestations such as music, dance, and exhibitions. These projects are often carried out in non-formal education settings, such as museums, but not all of them consider the potential that these projects have in contributing directly to education. Cultural projects are structured with curatorial areas, artists, and producers, and the educational part should be considered with the same importance as these. The research presented here identifies concepts and possibilities that contribute to the development of educational actions in cultural projects, especially exhibitions that do not take place in museums.

Keywords: Mediation; Non-formal education; Exhibitions; Cultural Projects.

¹ Pós-graduando no curso de Arte e Educação do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo–SP. E-mail: leiaquio@icloud.com.

² Prof. Dr. no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo–SP. E-mail: ronaldo.mathias@belasartes.br.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479

INTRODUÇÃO

Os museus podem ser utilizados para realizar exposições, tanto do acervo como para produções temporárias. Além de serem locais que detêm conhecimento nos processos de produção de uma exposição e por serem reconhecidos pelo público geral como um espaço expositor, os museus também possuem um setor com ações educativas, que contribui para a produção cultural de uma exposição. “Os museus vêm sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa.” (MARANDINO et al., 2008).

Quando a exposição é realizada em locais onde não há uma equipe de ação educativa que possa contribuir no projeto cultural a ser executado, cabe ao gestor e produtor cultural estruturarem tal setor. Qualquer projeto cultural pode ter um setor de ação educativo, contudo este é encontrado frequentemente em exposições museais. De acordo com Teixeira (2017):

Embora a discussão sobre mediação cultural tenha ganhado nos últimos anos um caráter mais amplo, [...], esse trabalho é historicamente vinculado às ações educativas dos museus e demais espaços de exposição, sejam de artes visuais, científicos ou históricos. (TEIXEIRA, p.84, 2017)

O setor de ação educativa não realiza trabalhos ligados somente à educação formal. Cunha (2021) diz que a “educação, nesse sentido, não se restringe mais unicamente ao espaço da escola, embora esta, ocupe ainda, lugar de destaque dentro desse processo.” A educação não formal e informal são públicos que também devem ser levados em consideração nas ações educativas.

Trata-se de uma noção de educação que parte da compreensão de que os processos educativos se desenvolvem para além do ambiente e da lógica escolar, na direção de sua permanência e seu espalhamento. (TEIXEIRA, p.80, 2017)

Os espaços com sistemas educacionais podem ser organizados em três categorias: formal, não formal e informal. O ensino formal é estruturado mediante um sistema de leis e normas, com graduações determinadas por tempo e possui equipe de trabalho profissionalizada, como as escolas e universidades. O ensino não formal é encontrado em espaços que realizam



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479

atividades educativas, com mediadores e educadores, mas não possui uma normativa para que essas atividades aconteçam, como os museus e os centros de cultura. E ainda há o ensino informal que se dá pelas trocas e relacionamentos desenvolvidos durante a vida com os familiares e amigos. (MARANDINO et al., p. 13, 2008)

A figura do mediador educativo pode estar presente em qualquer um desses sistemas, mas é comumente encontrada em espaços não formais. Esse profissional, dentro do setor de ação educativa em um projeto cultural, irá auxiliar no desenvolvimento e na aplicação das atividades e abordagens educativas aplicadas para o público. Há diversas estratégias que o mediador pode utilizar para realizar ações educativas, entre elas oficinas, cursos, visitas guiadas, materiais de suporte impressos, materiais de empréstimo...o importante é realizar um estudo sobre o orçamento e o perfil do público que o projeto cultural atenderá. Porém, em muitos casos, os projetos culturais não contemplam ações educativas, principalmente em exposições em espaços não museais. A falta do núcleo de ação educativa em projetos culturais pode deixar de fortalecer a criação e fidelização de público e na formação de profissionais da educação formal em mediadores culturais.

Diante disso, será abordado o estudo de caso sobre a exposição “LIXOMANIA”, que ocorreu em outubro de 2023, na cidade de São Paulo, que não contou com um setor de ação educativa.

AÇÃO EDUCATIVA LIGADA A EXPOSIÇÃO

A cidade de São Paulo é uma grande metrópole brasileira onde há o encontro de diversas culturas de vários lugares do país. Durante o ano todo, acontecem celebrações culturais na cidade: festivais gastronômicos, festivais de música, Virada Cultural, conferências, entre outras. A cidade possui ampla diversidade cultural, contando com espaços para celebrações e encontros, como o Centro de Tradições Nordestinas (CTN), localizado no bairro do Limão, conhecido por ter aos finais de semana uma programação de shows com artistas do Norte e Nordeste do nosso país, além de espaço com a culinária regional. Esses são alguns pontos que favorecem a potência para a realização de produções culturais na cidade de São Paulo.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479

Conforme dados no site da Prefeitura da cidade, só no ano de 2024 serão realizados 37 eventos³ culturais oficiais: festivais de música, esporte, entre outros. Nesse número, estão os grandes eventos, mas são inúmeros eventos culturais menores que acontecem aos finais de semana, como as feiras de artistas independentes, que não foram contabilizados. Um dos tipos de evento cultural produzidos na cidade são as exposições temporárias. As exposições não são produzidas somente em galerias de arte e museus. Há também espaços culturais como SESC e até as ruas, como mostra o site Arte Fora do Museu⁴, onde o público pode apreciar obras em espaços públicos e ao ar livre. Segundo o site do Museu Histórico da cidade de Lucas do Rio Verde, no Mato Grosso:

Uma exposição é um tipo de evento com características únicas. Por necessitar de um conteúdo de alto nível para ser capaz de agregar valor e criar experiências para os participantes, a organização de uma exposição deve ser bastante cuidadosa e estar atenta aos mínimos detalhes para que tudo saia perfeito no grande dia. (NETO, 2023)

O projeto cultural que produzirá uma exposição, deve contemplar a estrutura de equipes como, por exemplo, a equipe curatorial, de montagem e de patrimônio. Há um setor tão importante quanto, mas que nem sempre é contemplado: o núcleo de ações educativas. É por meio desse setor que poderão se desenvolver atividades que proporcionam reflexão e construção de conhecimento voltado para todos os públicos.

No Brasil, os museus começaram a entender a sua importância educativa no decorrer do século XX (CUNHA, 2017), quando o museu passou a ser um local apresentado para a sociedade como um local com patrimônio cultural e, com isso, dever-se-iam realizar ações para que as exposições fossem compreendidas pelo público, engajando o visitante. Museu deixou de ser um lugar apenas de fruição, “o museu que não tem compromisso educativo transforma-se em depósito de objetos, ou vitrines, de um shopping center cultural” (RAMOS, 2004, p. 134 *apud* CUNHA, 2017). O setor de ação educativa de exposições é responsável por desenvolver e planejar ações mediadoras entre a exposição e o público, que podem ser via materiais impressos, kits, cursos e oficinas. Por essas ações, que podem ter caráter pedagógico ou não,

³ Fonte: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/turismo/eventos/index.php?p=309928>

⁴ Fonte: <https://arteforadomuseu.com.br>



ocorre a troca de conhecimento com o público. Quanto a público, há diferentes tipos para uma mesma exposição. Wendell (2014) divide o público em três categorias: público de instituições (escolas, ONGs, creches, asilos...), público geral e público entorno (em volta de onde o evento cultural está acontecendo fisicamente). O setor de ação educativa pode desenvolver ações para todos eles. Desenvolver materiais e atividades para o público requer conhecimento sobre a exposição. É interessante que a equipe de ação educativa esteja em contato e constante troca com os artistas e/ou curadores envolvidos, além de ter conhecimento mínimo sobre a instituição onde será realizada a exposição. Outro ponto interessante é montar uma equipe que esteja a par da BNCC (Base Nacional de Comum Curricular), o documento oficial que define as aprendizagens aplicadas no ensino escolar básico. Os professores se orientam pela BNCC para o desenvolvimento de seus planos de aula e atividades em sala. A equipe do educativo, conhecendo os objetivos e aprendizados que orientam a educação formal, facilita ao desenvolver ações educativas pedagógicas alinhadas ao processo educacional de cada turma escola, mas há outras possibilidades, como criar oficinas para educadores com assuntos ligados a exposição ou ainda desenvolver ações extramuro do local onde acontece a exposição.

As ações educativas também podem ser propostas além dos momentos de visitação e abordadas tanto previamente quanto pós-visitação. Porém, é importante se lembrar da realidade da educação básica do nosso país. Os professores estão exaustos e sobrecarregados⁵, com isso as ações educativas propostas para serem abordadas pelos professores em sala de aula devem ser estruturadas com o intuito de capacitar o professor de forma que facilite o entendimento do conteúdo e sua aplicação. Uma ação educativa pré-visitação à exposição, por exemplo, pode ser uma reunião prévia entre a área de mediadores educativos e a equipe pedagógica da instituição de ensino ou até mesmo uma visita mediada na exposição apenas para os educadores. Já o papel da mediação durante a visitação pode ser feito de várias maneiras, a mais tradicional é a visita guiada com uma atividade ao final da visita. Também há a possibilidade de desenvolver ações educativas pós-visitação. Ainda há pouco acompanhamento das escolas na pós-visitas, mas um bate-papo com os professores e coordenadores sobre dúvidas que tenham ficado ou o envio de um material como um caderno de atividades que auxilie o professor podem

⁵ Fonte: https://cultura.uol.com.br/noticias/58290_pesquisa-mostra-que-71-dos-professores-brasileiros-estao-estressados.html

ser pode ser uma proposta. Todas essas propostas e ações serão gerenciadas e estruturadas por um setor de ação de educativa dentro do projeto cultural, por isso esse setor deveria ter a mesma atenção que os demais pelos produtores e gestores culturais e pode ser um diferencial para o projeto.

PRÁTICA DA AÇÃO EDUCATIVA POR MEDIAÇÃO

Não existe mediação sem interação ou diálogo. Quando falamos de ações de mediações educativas é necessário ter trocas e serão através delas que acontecerá o processo de aprendizagem. Paulo Freire (1981) afirma que o diálogo é o exercício de liberdade e aprendizagem:

[...] a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, p. 92, 1981)

Dessa forma, a aprendizagem se dá pela construção coletiva, onde há trocas entre mediadores, educadores e os próprios estudantes. Salomon e Perkins (1998), apresentam a mediação social embasado justamente na construção de conhecimento sócio cultural, embasada na teoria de Vygotsky. Um indivíduo auxilia o outro na aprendizagem. (SALOMON; PERKINS, 1998).

Muitas vezes, a aprendizagem não falha por razões sutis, como o fato do estudante não ter entendido o assunto, mas por razões grosseiras, como a falta de uma fonte para fornecer um ponto importante. [...] A aprendizagem que envolve um entendimento mais profundo por pares em um espaço colaborativo é ainda outra forma de sistema de aprendizagem, que as alternativas são oferecidas por diferentes membros da equipe e selecionar a melhor é uma questão de deliberação e acordo detalhados da equipe. (SALOMON; PERKINS, p.3, 1998, tradução nossa)

Na perspectiva de Salomon e Perkins há cenários em que a mediação social, principalmente em ambientes de educação não formal, pode acontecer. A mediação social ativa



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479

é a mais comumente aplicada em locais ou eventos que possuem mediação educativa estruturada, como nos museus. O mediador/educador auxilia o estudante via atividades, roteiros, perguntas disparadoras, entre outros, guiando, de alguma forma, o estudante. Ou seja, ainda há uma distinção clara entre o mediador/educador e o estudante. Nesse sistema, muitas vezes, o tempo em que acontece a mediação é relativamente curto, como numa visita educativa em um centro de pesquisa, e por esse motivo se faz necessário guiar o estudante na construção de conhecimento. Também há a mediação social como construção participativa do conhecimento, onde a figura do educador/mediador não está acima do estudante quanto à hierarquia de conhecimento. Todos os participantes dessa mediação são responsáveis pela troca de conhecimento. Outro cenário é da mediação social por andaimes culturais, e aqui, entende-se andaimes como quaisquer tipos de materiais ou objetos que auxiliem na construção de conhecimento, quando não há possibilidade da mediação social ativa ou por construção participativa do conhecimento, ou ainda pode ser utilizado como complemento. Os objetos podem ser livros ou ferramentas de estatísticas, mas, na prática da mediação educativa, os mais usados são atividades ou materiais gráficos/virtuais desenvolvidos e fornecidos pelo mediador/educador como uma ferramenta de apoio, por isso o nome de andaimes culturais. (SALOMON; PERKINS, 1998)

Assim, Salomon e Perkins (1998) acreditam que defender uma aprendizagem que acontece individualmente, sem a troca social e não levando em consideração a questão cultural é deficiente e insatisfatório, pois o processo de aquisição de conhecimento irá acontecer mediante a troca. Nesse ponto, as produções culturais, como exposições e feiras, que acontecem longe de espaços formais, geram grande oportunidade para desenvolvimento social e de construção de conhecimento a partir da estruturação de uma mediação educativa.

EXPOSIÇÃO LIXOMANIA NO TENDAL DA LAPA

Em 2023, entre 29 de outubro e 12 de dezembro, no Espaço Cultural Tendal da Lapa⁶, aconteceu a primeira exposição do artista pixador Zé, "LIXOMANIA", produzido pela galeria

⁶ "O Espaço Cultural iniciou suas atividades a partir do 'Grupo Teatro Pequeno', que em 1989 promoveu uma "invasão cultural" no antigo prédio do mais importante entreposto de carnes da região, o Tendal da Lapa. As atividades se iniciaram numa Tenda, e o Circo e o Teatro como linguagens mais fortes. No decorrer do tempo

Alma da Rua⁷. A abertura contou com um evento movimentado e a presença de muitos artistas urbanos, DJs e público geral. Porém, as informações sobre o artista e a exposição não estavam claras e, até certo ponto, eram inexistentes. Após buscar mais informações, foi encontrada apenas divulgação da exposição nas redes sociais do próprio artista e em alguns sites, com horários de visitação da exposição. Não havia informações biográficas sobre o artista, sobre o objetivo da exposição e suas obras. No espaço expositivo não havia equipe da mediação educativa para visita guiada ou materiais de apoio, apenas as obras com as informações técnicas sinalizadas ao lado. Motivada pela disciplina de Metodologia do Ensino de Arte e Educação, na pós-graduação de Arte e Educação do Centro Universitário Belas Artes, foi realizada uma pesquisa com objetivo de desenvolver um material educativo para tal exposição, que incluísse um panorama histórico de pixação/pichação⁸ na história da humanidade e a vida do artista. O material desenvolvido foi focado para auxiliar professores do ensino básico, a partir do Fundamental anos finais, a abordarem arte urbana, história e a uma possível mediação à visita da exposição, mas qualquer educador ou interessado pelo assunto, poderia fazer uso do material. O resultado desse estudo foi um livreto impresso, que também possui a versão virtual, e um livreto de atividades, este apenas impresso.

O livreto educativo foi pensado para ser distribuído aos professores como convite para visitação da exposição e o conteúdo foi dividido em quatro partes: explicação da exposição, biografia do artista, contexto histórico da pixação/pichação e, por último, as informações de algumas obras expostas e sugestão de perguntas disparadoras para mediação do educador.

A exposição foi produzida em comemoração dos 36 anos do LIXOMANIA nas ruas, e, atualmente, ele realiza trabalhos também em seu ateliê, sendo um artista associado da Galeria Alma da Rua, a responsável pela produção da exposição. Essa informação explica o motivo da exposição e contextualiza o visitante.

outras linguagens foram se agregando, atingindo-se um universo bem amplo.” Fonte: <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/564/>

⁷ <https://www.galeriaalmarua.com.br>

⁸ A pichação é uma expressão feita sem nenhuma norma ou determinação prática, sendo de livre expressão e muito utilizada por poetas e manifestações políticas. Já a pixação possui um estilo de escrita reto, uma identificação de um grupo ou de um indivíduo e ocupa espaços urbanos que, muitas vezes, não são comuns. (DE ANDRADE, 2020)



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479



Parede pixada por Zé. Fonte: Alma da Rua.

A EXPOSIÇÃO

Antes de mais nada, precisamos esclarecer a diferença entre pixação e pichação, que vai muito além da grafia. A pichação é uma expressão feita sem nenhuma norma ou determinação prática, sendo de livre expressão e muito utilizada por poetas e manifestações políticas. Já a **PIXAÇÃO** possui um estilo de escrita reto, uma identificação de um grupo ou de um indivíduo e que ocupa espaços urbanos que, muitas vezes, não são de fácil acesso ou com vista privilegiada.

“LIXOMANIA” traz a trajetória do trabalho do Zé do Lixomania, uma das lendas do pixo em São Paulo, ao longo de seus 36 anos de carreira. A exposição conta com obras que refletem a história e a evolução da caminhada através das suas vivências e estilo.

As obras incorporam elementos da pixação tradicional e sua narrativa contemporânea. Suas criações refletem a conexão do ambiente urbano, nacional e internacional, e sua trajetória como motoboy periférico através de suportes variados e a energia das ruas, mesmo longe delas.

Imagem 1 - Página do material educativo desenvolvido sobre a exposição LIXOMANIA

/ Fonte: Autora.

Já a biografia do artista foi considerada informação básica. Conhecer a trajetória do artista auxilia na percepção das suas produções na interferência da paisagem urbana. Durante a pesquisa, essas informações não foram de fácil acesso. Foi necessário entrar em contato com o próprio artista e consultar um livreto de publicação independente lançado em uma parceria entre o artista e uma marca de roupas.

José Antônio é o Zé do LIXOMANIA e hoje possui 51 anos. Seu início na pixação foi ainda criança, durante a Copa do Mundo de Futebol em 1982. Havia uma tradição popular durante as Copas do Mundo, nas ruas de São Paulo, em que os moradores se organizavam e pintavam a rua com a temática da seleção brasileira. Os adolescentes e jovens adultos da rua faziam os rabiscos e pediam para os mais novos colorirem os desenhos feitos. O Zé era uma dessas crianças mais novas e, com a tinta que sobrava, ele ia para outras ruas para tentar escrever seu nome nos postes.

O ZÉ

Zé e suas criações. Fonte: Alma da Rua.



Imagem 2 - Página do material educativo desenvolvido sobre o artista. / Fonte: autora.

O foco do material que desenvolvi foi justamente próximo conteúdo abordado: o esclarecimento histórico. Há muitos estudos acadêmicos sobre essas manifestações artísticas e políticas-sociais em espaços públicos durante a existência da humanidade. Para educadores essas informações auxiliam no ensino da arte urbana e na compreensão das dimensões do conhecimento descritos da BNCC: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão ([BRASIL](#), Ministérios da Educação, 2018, p.194). No entanto, antes do desenvolvimento do projeto para a disciplina, não foram encontradas tais informações durante a exposição ou nos canais de divulgação e atuação da produção da mesma.

Desde o início do estudo da humanidade, há pinturas rupestres. Tais pinturas eram feitas para contar histórias e deixar registros e, graças a elas, há conhecimento sobre culturas de povos antigos. Não é muito distante das expressões artísticas que encontramos ocupando os muros e paredes nas ruas, atualmente.

A cidade de Pompeia, na Itália, foi atingida em 79 d.C. pela erupção do vulcão Vesúvio, que cobriu a cidade inteira com cinzas e lava, deixando-a esquecida por centenas de anos. Até que, no século XVIII, os pesquisadores começaram a investigar a cidade escondida e encontraram muitos registros de escritas feitas nos muros. Tais escritas eram feitas através do carvão, com um instrumento chamado *graphium* e os conteúdos eram diversos: político, poético, comercial e até de divulgação de eventos públicos. Pode-se considerar que esses foram os primeiros pichadores. Não se sabe muito sobre a legislação da época, se eram permitidas ou não essas inscrições. Porém sabe-se que existia um ofício que tinha, como obrigação, apagar os escritos das paredes. As pessoas que faziam este trabalho eram chamadas de *dealbatores*.



Parede com pichações em Pompeia. Fonte: Blog PortoRibeiro.



Pelas ruas do Brasil na década de 60. Fonte: Instituto Antonio Carlos Jobim.

Jovem pichando a faixa do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1968. Fonte: Memória da Democracia.

No Brasil não foi diferente. Nos anos 60, por conta do golpe militar e da instituição da Ditadura que oprimiu o país, muitas pichações eram encontradas nas ruas como "Abaixo a ditadura". No cenário paulista, o episódio do "Cão Fila", na década de 70, contribuiu para o crescimento do movimento da pichação. O senhor Antenor Lara Campos, que era criador de cachorros da raça fila, foi marcando os arredores da Estrada de Alvarenga, em São Bernardo do Campo, com "Cão Fila km 26", usando esse recurso como publicidade e chamando a atenção de jovens da época, que se interessaram em deixar suas marcas da mesma maneira.



Imagem 3 - Página inicial sobre a Pichação que está no material educativo desenvolvido. / Fonte: autora.

Imagem 4 - Uma das páginas do material educativo desenvolvido que aborda a parte histórica. / Fonte: autora.

Por fim, foram reunidas imagens de algumas obras em exposição, cedidas pela galeria do artista, com suas informações técnicas e sugeri perguntas disparadoras para que os educadores pudessem mediar a visita de maneira autônoma, já que a exposição não contava com a equipe e nem material educativo. O material foi pensado para mediação de alunos do fundamental anos finais e nas seguintes habilidades da BNCC:

(EF69AR02) pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço. [...]

(EF69AR05) experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance, etc.). [...]

(EF69AR31) relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética. [...]

(EF69AR33) analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêtricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design, etc.) (BRASIL, Ministérios da Educação, 2018, p.207 e p.210)

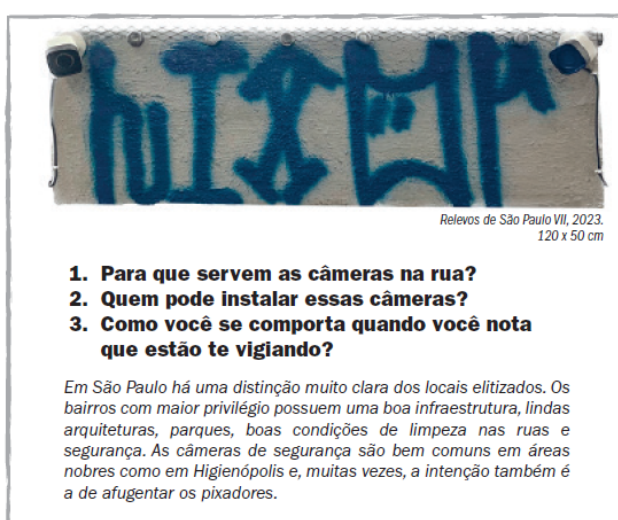


Imagem 5 - Uma das páginas do material educativo desenvolvido na secção com imagens da obra e pergunta disparadoras. / Fonte: autora.

Já no livreto de atividades foi desenvolvido como uma proposta de pós-visitação. Nele há um resumo do que estava no livreto para o educador, com as informações sobre a exposição e o artista. A atividade proposta sugere a utilização do alfabeto de pixo reto paulistano desenvolvido pelo artista Bruno Corrente⁹ nas imagens de objetos e locais impressos no livreto, como carteiras escolares, lixeira pública e postes. É um convite para o público experimentar e vivenciar o pixar ou pichar, pensando aqui na competência da BNCC de Expressão:

[...] refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades. (BRASIL, Ministérios da Educação, 2018, p.194)

ATIVIDADE

Vamos fazer que nem o Zé?

Nas próximas páginas você irá encontrar um alfabeto, com letras com o visual da pixação encontrada pelas na cidade de São Paulo, e algumas imagens urbanas onde você poderá pixar livremente.

O que você gostaria de escrever? Para quem? Se divirta!!!

ALFABETO

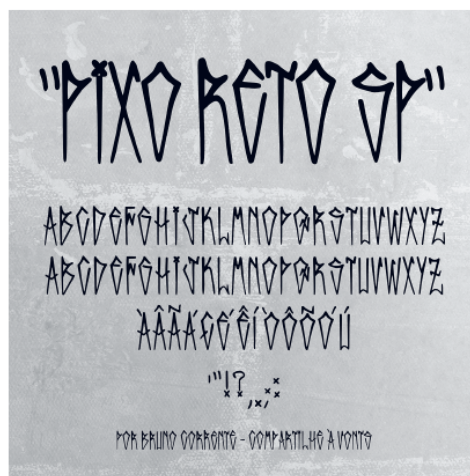


Imagem 6 - Duas páginas do livreto de atividades desenvolvido. / Fonte: autora.

⁹ <https://www.behance.net/gallery/109749249/PIXO-RETO-SP>

Portanto, ao olharmos a produção cultural de uma exposição, ainda que não seja em espaços museais, deve-se prestar atenção em estruturar a equipe de mediação educativa para que o objetivo da exposição seja além de uma vitrine. Produtores culturais devem ficar atentos ao desenvolver ações educativas no antes, durante e depois da realização do projeto de exposição. O setor de ações educativas em museus é considerado há algum tempo, mas quando se trata de centros de cultura ou nos próprios projetos culturais, de qualquer natureza, ainda não possui prioridade. Tanto a educação formal quanto a não formal devem ser levadas em consideração no processo de desenvolvimento pelo setor educativo de um projeto cultural. A parceria com as escolas poderia ser prioridade. É via ações antes da visita que o estudante, irá preparado à visitação e poderá ter autonomia para “realizar uma leitura crítica e questionadora sobre a exposição da instituição visitada” (CUNHA, 2017). A importância do educativo em um projeto cultural é justamente pensar em como desenvolver formas para que o conhecimento sobre a exposição e seu objetivo seja claramente explanado, mantendo uma relação com a sociedade e expressando seu real significado ao público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação cultural é importante para o processo de execução de qualquer projeto cultural, mas nem todos os produtores culturais estão cientes dessa importância. Nos museus as mediações educativas já estão bem estruturadas e conseguem desenvolver bons trabalhos com o público. As exposições realizadas em centros culturais e espaços diversos ainda precisam de um cuidado maior por parte dos produtores culturais quanto à mediação. A exposição realizada no Tendal da Lapa do LIXOMANIA mostrou que o material educativo poderia ser muito mais efetivo quanto à contribuição de questões sobre arte urbana dentro do ensino da Arte e até mesmo no ensino da História. O material que desenvolvi, como projeto para a disciplina de Metodologia de Ensino da Arte e Educação, seria um convite para as escolas visitarem, gerando maior movimentação escolar durante a exposição e novas perspectivas de arte além do ensino da arte tradicional, podendo ser levado em consideração até o conceito decolonial da arte. O educativo em uma exposição auxilia para a perpetuação da integração entre o projeto cultural e o público, além de proporcionar questionamentos sobre o cotidiano.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, F. V. de. *Vestígios de uma escrita marginal: apontamentos sobre a prática da pixação*. Ponta Grossa-PR: Editora Monstro dos Mares, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CUNHA, C. A. L. “A função educativa do museu em sua relação com a escola”. In: Seminário Brasileiro de Museologia-SEBRAMUS, 3a (Ed.). *Anais III Sebramus*. Belém - PA: Sebramus, 2017. p. 1453–1472.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MARANDINO, M. et al. *Educação em museus: mediação em foco*. São Paulo - SP: FEUSP, 2008.
- OLIVEIRA NETO. *O que é exposição?* Disponível em: <<https://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/site/museu-publicacoes/?cod=4>>. Acesso em: 2024.
- SALOMON, G.; PERKINS, D. N. Chapter 1: *Individual and social aspects of learning*. *Review of research in education*, v. 23, n. 1, p. 1–24, 1998.
- RAMOS, F. R. L. *A danação do objeto: “O museu no ensino de história*. Chapecó: Ed. Argos, 2004.
- SALOMON, G.; PERKINS, D. N. Chapter 1: *Individual and social aspects of learning*. *Review of research in education*, v. 23, n. 1, p. 1–24, 1998.
- TEIXEIRA, K. C. *Um olhar para a Mediação Cultural no SESC São Paulo*. Rede de Redes - diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil, p. 78–90, ago. 2017.
- WENDELL, N. *Estratégias de Mediação Cultural para formação de público*. Salvador - BA: FUNCEB - FUNDAÇÃO CULTURAL, 2013.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479